

A Necessidade da Revelação Verbal

Francis Turretin¹

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto²

QUESTÃO 1: A revelação por palavra era necessária? Afirmativo.

I. Visto que a palavra de Deus é o fundamento único (*principium*) da teologia, sua necessidade é propriamente investigada no próprio princípio: era necessário que Deus se revelasse a nós mediante a palavra? Ou, a palavra de Deus era necessária? Tem havido no passado, e também hoje, alguns que mantêm que a capacidade suficiente para viver bem e felizmente reside na natureza humana, de forma que eles consideram qualquer revelação do céu como não somente supérflua, mas até mesmo absurda. Visto que a natureza cuida das necessidades das pessoas, assim como faz com outras criaturas viventes, eles crêem, dessa forma, que a razão, ou a luz da natureza, é plenamente suficiente para a direção da vida e a busca da felicidade.

II. Mas a igreja ortodoxa sempre creu de uma forma muito diferente, declarando que a revelação da palavra de Deus é absoluta e simplesmente necessária para a salvação da humanidade, visto que a palavra é a semente que causa o novo nascimento (1 Pedro 1:23), a lâmpada pela qual somos guiados (Salmos 119:105), o alimento pelo qual somos nutridos (Hebreus 5:13-14), e o fundamento sobre o qual estamos (Efésios 2:20).

III. A evidência que se segue prova o exposto acima: (1) a suprema bondade de Deus, comunicativa de si mesma; visto que ele criou a humanidade para si mesmo, isto é, para um fim sobrenatural, e para uma condição muito mais feliz que essa existência terrena, ele não pode ser concebido como desejando que a humanidade carecesse desse conhecimento, mas deixa claro para ela por meio da palavra essa própria felicidade e a forma de obtê-la, da qual a razão “natural” não tem conhecimento. (2) A cegueira e corrupção extrema das pessoas, as quais, embora após o pecado ainda tenham certa luz residual para direção nas questões terrenas e mundanas, são tão cegas e depravadas nas questões divinas e celestiais – que dizem respeito à bem-aventurança (*felicitas*) – que nem podem conhecer algo da verdade, nem realizar algo de bom, exceto através da iniciativa de Deus (1 Coríntios 2:14; Efésios 5:8). (3) A razão correta, que ensina que Deus pode ser conhecido e adorado para a salvação somente através da luz de Deus, assim como o sol pode ser visto somente através de sua própria luz (Salmos 36:10). Nem impostores que têm inventado novas religiões teriam fantasiado suas conversações com seres

¹ Nota do tradutor: Francis Turretin, um teólogo escolástico calvinista, nasceu em 17 de outubro de 1623 e faleceu em 28 de setembro de 1687. C. Matthew McMahon fala dele como “o reformador italiano que sucedeu Calvino e Beza em Genebra”.

² E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em Setembro/2006.

divinos ou com anjos, como Numa Pompílio fez com a bela Aegeria, ou Maomé com Gabriel, a menos que todo mundo estivesse convencido que a forma correta de adoração do ser divino dependia da sua própria revelação. Assim, a opinião comum de todas as nações, mesmo dos bárbaros, é que para o bem-estar da humanidade há a necessidade, além da razão que eles chamam de o guia da vida, certa sabedoria celestial. Essa convicção deu surgimento às várias religiões que estão espalhadas pelo globo. Relacionado a isso, aqueles que mantêm que essas religiões são meramente esquemas humanos ingênuos para unir as pessoas em responsabilidades cívicas devem ser desacreditados. Devemos concordar que é certo que muitos homens espertos têm manipulado a religião para infundir reverência no povo comum, como um meio de manter seus espíritos em submissão, mas eles nunca poderiam ter realizado isso a menos que já houvesse inato (*ingenitus*) na mente humana um senso de sua própria ignorância e desamparo, pelo qual mais prontamente as pessoas são enganadas por esses vagabundos e charlatões.

IV. Um duplo apetite que está implantado na humanidade por natureza – o desejo pela verdade e pela moralidade – confirma isso. O primeiro desejo é conhecer a verdade; o outro, desfrutar o bem supremo. Assim como o intelecto é trazido à perfeição pela contemplação da verdade, a vontade é trazida à perfeição pelo desfrutar do bem, do qual consiste a vida bem-aventurada. Visto que é impossível que esses dois apetites existam em vão, a revelação, que torna evidente, de uma forma que a natureza não pode, tanto a verdade primária como o bem supremo, e o caminho para ambos, era necessária. Finalmente, a glória de Deus e a salvação da humanidade demandam a revelação, pois a escola da natureza não pode nos levar ao Deus verdadeiro e à legítima adoração dele, nem pode desvendar o plano (*ratio*) da salvação, pelo qual muitas pessoas escapam da desgraça do pecado para o estado de perfeita felicidade que existe na união com Deus. A escola superior da graça era, portanto, necessária, na qual Deus nos ensina a verdadeira religião por sua palavra, para nos estabelecer no conhecimento e adoração de si mesmo, e nos levar ao gozo da salvação eterna em comunhão com ele, o qual nem a filosofia ou o esforço (*ratio*) humano podem obter.

V. Concedido que nas obras da criação e providência Deus manifesta a si mesmo claramente – de forma que “o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes [aos homens] manifestou” e sua natureza invisível tem sido claramente percebida desde a criação do mundo (Rm. 1:19-20) – essa revelação natural não pode ser suficiente para a salvação após o pecado, não apenas no sentido subjetivo, pois ela não tem, como um acompanhamento, o poder do Espírito, pelo qual a cegueira e rebelião humanas são corrigidas; mas também no sentido objetivo, pois não contém nada concernente aos mistérios da salvação, e a misericórdia de Deus em Cristo, sem quem não há salvação (Atos 4:12). O que pode ser conhecido sobre Deus é de fato apresentado, mas não o que deve ser crido. Deus é conhecido a partir da criação como criador, mas não como redentor; seu poder e divindade, isto é, a existência do ser (*numen*) divino e seu poder (*virtus*) ilimitado são conhecidos, mas não sua graça e misericórdia salvadora.

Era, portanto, necessário estabelecer a deficiência da revelação anterior – a qual, por causa do pecado que tinha sido cometido, era inútil e inadequada – através de outra, mais esplêndida não somente em grau, mas também em tipo; que Deus poderia usar não somente um professor silente, mas também abrir sua boca sagrada, para que pudesse fazer conhecido não apenas seu poder maravilhoso, mas também desvendar o mistério da sua vontade para a nossa salvação.

VI. Embora a teologia natural trate com várias questões com respeito a Deus e suas propriedades, sua vontade e suas obras, ela não nos ensina, sem a revelação sobrenatural da palavra, aquele entendimento de Deus que pode servir para a salvação. Ela mostra que Deus existe e com o que ele se parece, tanto em unidade de essência como na natureza de alguns atributos, mas não mostra quem ele é, quer em sua unidade (*in individua*) pessoal ou com respeito às pessoas da Trindade. A “revelação natural” mostra a vontade de Deus com respeito à lei, imperfeita e obscuramente (Rm. 2:14-15), mas o mistério do evangelho está inteiramente ausente nela. Ela proclama as obras da criação e providência (Salmos 19; Atos 14:17; Rm. 1:19-20). Mas ela não fala das obras da redenção e da graça, que podem se tornar conhecidas a nós somente pela palavra (Rm. 10:17; 16:25 – 26)

Fonte: Extraído e traduzido de *Institutio Theologiae Elencticae*, de Francis Turretin.

http://www.monergism.com/thethreshold/articles/onsite/turr_scripture.html